

O papel do BNDES no aprofundamento do Mercosul.

carvalho clarissa.

Cita:

carvalho clarissa (2010). *O papel do BNDES no aprofundamento do Mercosul*. V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-036/840>

O papel do BNDES no aprofundamento do MERCOSUL¹

Clarissa Barbosa Carvalho

clarissacarvalho1@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

Recife - PE, Brasil.

¹ Trabalho preparado para apresentação no V Congresso Latino-Americano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino - Americana de Ciência Política – ALACIP. Buenos Aires, 28 a 30 de Julho de 2010. Área temática: Relações Internacionais.

RESUMO

O BNDES vem se destacando na gestão do governo Lula como um importante instrumento de política externa. Em 2003, o fortalecimento da integração sul-americana passa a ser parte da missão do banco e desde então os investimentos na região tem crescido exponencialmente, sobretudo em infra-estrutura. Este artigo busca mostrar como o papel designado ao BNDES, no governo do presidente Lula, no setor de infra-estrutura visa responder articuladamente a uma demanda considerada por alguns críticos como antagônica: fortalecer tanto o Mercosul e a integração regional, quanto o processo de internacionalização das empresas brasileiras. Para o BNDES, esses processos são complementares.

Palavras-chave: Política externa, BNDES, Mercosul, infraestrutura,

APRESENTAÇÃO

Em agosto de 2008, o BNDES abriu sua primeira representação no exterior. O destino escolhido foi Montevidéu no Uruguai, cidade que abriga a secretaria do Mercosul. O objetivo do escritório é incentivar e facilitar as operações do Brasil com os países sul americanos, e em particular com os países do Mercosul. Esse processo de internacionalização do banco segue o direcionamento que lhe foi dado em 2003, de fortalecer a integração sul-americana. Através da realização de um seminário internacional, organizado junto com a Corporação Andina de Fomento, para apoiar projetos de infra-estrutura da região, o BNDES se insere no processo de integração sul-americana. Com o governo Lula, o banco passa a ter um papel decisivo no financiamento de obras no país e na região, os objetivos dos investimentos são aumentar a comercialização e interligar a infra-estrutura. O tema da infra-estrutura de integração está presente há muito tempo na retórica dos presidentes sul-americanos, porém seu maior sinal de concretude ocorreu com o lançamento da Iniciativa para Integração da Infra-estrutura da Região Sul-americana- IIRSA- no governo Fernando Henrique Cardoso, a qual contou com a adesão dos demais chefes de estado e governo da região. Quando Lula assume a presidência da república em 2003, a adesão à IIRSA se dá parcialmente e o BNDES é acionado para financiar obras de infra-estrutura econômica e de interconexão terrestre e fluvial, energia e comunicações. O banco tem, desde então, financiado empresas de serviços de engenharia, estando presente em praticamente todos os países da América do Sul. Dessa forma, ele investe na infra-estrutura regional e dar ganho de escala às empresas brasileiras.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social foi criado para apoiar o processo de desenvolvimento do país, naquele momento muito atrelado a necessidade de maior industrialização e inserção na economia internacional. Segundo relata Fernando Henrique Cardoso, no livro sobre os 50 anos do BNDES,

“A criação do BNDE (ainda sem o S), em 1952, representou um marco na jornada para desenvolvimento do Brasil. O Banco nasceu da convicção de que o país não podia depender somente de recursos externos para avançar seu projeto de renovação de infra-estrutura rodoviária, energética, de portos, e assim melhor competir no mercado internacional (BNDES, 2002, p.1)”.

Desde então tem se consolidado como um instrumento-chave da política econômica e industrial de vários governos e em diferentes momentos históricos. Não obstante ser uma empresa pública e estar sujeito à supervisão do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o banco tem atuado também como *think tank*, pensando e elaborando políticas de financiamento e investimentos para o desenvolvimento nacional (COSTA [b], 2006).

Segundo consta no Estatuto Social, a missão do BNDES é ser o principal instrumento de execução da política de investimento do Governo Federal, tendo como prioridade apoiar programas, projetos, obras e serviços que estejam relacionados com o desenvolvimento econômico e social do País. Nesse sentido, a compreensão de desenvolvimento do governo molda de forma substantiva a ação do BNDES. No governo Lula da Silva, o BNDES assume um papel distinto daquele que vinha desempenhando na década de 1990. De agente financiador e coordenador da política de privatizações no governo de Fernando Henrique Cardoso, onde buscava operar aproximando-se de um banco comercial, ele passa, a partir de 2003, a ser central na tarefa de trazer o Estado de volta à economia, investindo e financiando cada vez mais nos setores considerados estratégicos pelo governo e fortalecendo a indústria nacional (COSTA [a], 2006).

Dentro dessa nova concepção que lhe é designada no governo Lula, o BNDES é convocado a participar na elaboração da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE) e assume a função de apoiar financeiramente os setores considerados como prioritários nessa política. Do mesmo modo tem sido uma presença importante na discussão e viabilização tanto das Parcerias Público-Privadas como da integração sul-americana. A convergência entre a política de desenvolvimento do governo e a priorização feita pelos países sul-americanos da infra-estrutura como eixo primordial para consolidar a integração subcontinental propiciou um terreno bastante fértil para a ação do BNDES na América do Sul.

Assim, uma vez que o BNDES se transforma num braço importante da política externa do governo para integração sul-americana, compreender sua atuação no que tange a infra-estrutura de integração nos auxilia a entender que papel ele desempenha no aprofundamento do Mercosul. Para tanto, a secção seguinte mostra como tem se dado o investimento em infra-estrutura, evidenciando a convergência da política industrial e do posicionamento do BNDES para o bloco; parte três traz algumas reflexões sobre a implicação desses investimentos para o Mercosul, e por fim, nas considerações finais, são mencionadas algumas críticas feitas ao fortalecimento das empresas em decorrência desse política de investimento.

A ATUAÇÃO DO BNDES NA INTEGRAÇÃO LATINOAMERICANA

O Brasil sempre considerou a América Latina como parte importante de suas relações internacionais, sendo presença ativa em diversos arranjos institucionais regionais. Paulatinamente, ao longo da segunda metade do século XX, a diplomacia brasileira substituiu o conceito de América Latina pelo de América do Sul, idéia geograficamente definida e economicamente mais conectada, priorizando os 12 países do subcontinente. Contudo, até o ano 2000, não havia nenhum fórum de reunião que reunisse todos (e somente) os presidentes da América do Sul. Uma iniciativa de juntar os países sul-americanos em uma empreitada conjunta foi lançada pelo presidente brasileiro Itamar Franco, em 1993, com a Área de Livre Comércio da América do Sul (ALCSA). A proposta visava o alargamento das relações comerciais e não teve continuidade; só no ano 2000, uma nova tentativa é feita. Desta vez, o presidente FHC convida para uma reunião em Brasília todos os chefes de Estado e governo dos onze países sul-americanos propondo uma agenda de discussão que fosse além do tema comercial, elencando como temas da reunião “Democracia, Comércio, Infraestrutura de Integração, Drogas e delito conexos”². Entre os assuntos discutidos o que teve mais repercussão foi o da infra-estrutura de integração. Foi lançada então a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana – IIRSA, que viria a ser o tema principal nas reuniões seguintes marcadas para acontecer a cada dois anos (COUTO, 2007).

O diagnóstico era que a América do Sul, assim como o Brasil, estava constituída por regiões produtivas com pouco grau de comunicação entre si e por tanto, era preciso criar eixos de integração e desenvolvimento³, além de melhorar a matriz energética dos países, uma vez que os

² A Reunião de Presidentes da América do Sul ocorreu entre os dias 31 de agosto e 1º de setembro de 2000.

³ A IIRSA considera necessário a construção de oito Eixos de Integração e Desenvolvimento: 1) Mercosul - Chile; 2) Andino; 3) Inter-oceânico Central; 4) Amazonas; 5) Escudo Guianês (Venezuela – Brasil – Guiana - Suriname); 6) Peru – Brasil - Bolívia; 7) Capricórnio (Porto Alegre – Assunção – Jujuy - Antofagasta); 8) Sul (Talcahuano-Concepción-Neuquén-Bahía Blanca); e aí se soma a Hidrovia Paraná Paraguai.

problemas energéticos se apresentavam como importantes gargalos para o crescimento econômico. A idéia do governo brasileiro, elaborador da IIRSA, era levar para a arena regional a lógica do programa brasileiro ‘Avança, Brasil’⁴. Com base em programas anteriores como programa ‘Brasil em Ação’, o ‘Avança, Brasil’ dividia o país, para efeitos de investimentos e políticas públicas, em doze eixos nacionais de integração e desenvolvimento, com o objetivo de modernizar a infra-estrutura através da reorganização da geografia econômica do país. O presidente Fernando Henrique explica em seu livro acerca do programa ‘Avança, Brasil, que “a característica mais importante dessa nova modalidade de planejamento estratégico está em privilegiar as articulações relevantes de áreas específicas do território nacional, estabelecidas pelos fluxos de produção e consumo, entre si e com os mercados externos (CARDOSO, 1998, p.81)”. A IIRSA foi lançada para ser a instância regional aglutinadora dos projetos de infra-estrutura da América do Sul. Na relação inicial constavam mais de 330 projetos. Na reunião de presidentes sul-americanos de 2004, realizada no Peru, foi lançada a Agenda de Integração Consensuada da IIRSA, onde foram escolhidos 31 projetos a serem implementados até 2010.

Se a política externa do segundo mandato de Fernando Henrique marca pela importância dada à América do Sul, no governo de Lula a região é definida como eixo prioritário da política externa e os investimentos para a integração do subcontinente aumentam consideravelmente. Além da IIRSA, o governo federal utiliza-se de mais dois mecanismos para financiar a integração sul-americana, o Programa de Crédito à Exportação (Proex) e o BNDES. Quanto aos mecanismos que o governo Lula lançou mão para incentivar a infra-estrutura de integração, Couto (2007) assinala,

“[n]otadamente, a integração da infra-estrutura regional vem ganhando gradativamente mais espaço nas discussões acerca das estratégias para a consolidação da integração sul-americana. Com o advento do governo Lula, a estratégia de integração da infra-estrutura ultrapassa a IIRSA (COUTO, 2007, p.167)”.

Ao longo dos dois mandatos de Lula, o BNDES aumentou seu alcance e seus recursos, tornando-se a Instituição Financeira Regional⁵ que mais investe na América do Sul. Na classificação de Gudynas (2008), o BNDES pode ser considerado uma Instituição Financeira Regional, porque apresenta os três critérios de qualquer outra IFR, mesmo sendo um banco nacional: atuação na América latina ou em uma sub-região dela; suas autoridades e os processos de tomada de decisão são feitos pelos governos da região, e o enfoque primário são os financiamentos convencionais, tais como projetos de infra-estrutura e energia, expansão empresarial privada ou a cooperação técnica.

⁴ Os eixos nacionais de integração e desenvolvimento situam-se no estágio descritos no objetivo 2º - Promover o crescimento econômico sustentado, a geração de empregos e de oportunidades de renda, na parte II - Investimento e crescimento regional e setorial, no livro que é a proposta de governo para o segundo mandato do presidente FHC (Cardoso, 1998).

⁵ Segundo Gudynas (2008), as demais Instituições Financeiras Regionais da América Latina são no mínimo as seguintes: Corporação Andina de Fomento (CAF), Fundo da Bacia do Prata (Fonplata), Banco Centro americano de Integração Econômica (BCIE), Banco Latino americano de Exportações (BLADDEX), Banco do Desenvolvimento do Caribe (CDB), Fundo Latino Americano de Reservas (FLAR) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social da Venezuela (BANDES).

Desde 1991 o BNDES apóia operações de exportações de produtos brasileiros, mas só em 2003 que a integração da América do Sul passa a fazer parte da missão do BNDES, elencando como objetivos principais: a expansão do comércio entre os países; a atração de investimentos, sobretudo em infra-estrutura; o ganho de escala na produção; capacitação tecnológica e humana mediante cooperação e o fortalecimento do poder de negociação dos países (BNDES Informe 2004). Como forma de se inserir no processo regional, O BNDES promove em conjunto com a Corporação Andina de Fomento, em agosto de 2003, o ‘Primeiro Seminário Internacional de Co-financiamento BNDES/CAF’⁶, com o objetivo de identificar projetos de infra-estrutura que poderiam ser financiados pelos dois organismos nos doze países da América do Sul, dado o reconhecimento de que a assimetria entre os países sul-americanos no tocante à infra-estrutura se apresentava como um dos principais desafios à integração desses países.

Ao discursar na abertura do seminário, o presidente do BNDES à época, Carlos Lessa, atrela o crescimento comercial intra-regional e o fortalecimento das economias locais aos investimentos em infra-estrutura, e esta como caminho para uma melhor inserção internacional. Nas palavras de Lessa:

“Estamos interessados em que o comércio se multiplique de forma exponencial. Nós achamos que ainda é muito tênue, muito fraca, muito pequena a integração comercial do continente. Nós acreditamos que os nossos povos, somados, têm potencialidade para ir muito além do que fazemos - porém essa potencialidade permanecerá no espaço da retórica se nós não construirmos a infra-estrutura que crie as externalidades, as sinergias, as parcerias, as cumplicidades; a infra-estrutura que estenda a mão e reduza determinadas barreiras de desconhecimento (...). Infra-estrutura, senhores, é para nós a locomotiva do desenvolvimento econômico e social. (...) A infra-estrutura gera as externalidades que definem, em última estância, o nível de produtividade macro-econômica média de todo o processo produtivo. Gera encomendas encadeadas que viabilizam o desenvolvimento de atividades industriais de suporte, multiplica empregos (BNDES, 2003, p.4)”.

O BNDES foi traçando um caminho paralelo a IIRSA, criando uma carteira própria de projetos a serem priorizados na integração. De acordo com Iglesias (2008), entre os principais financiamentos de serviços de engenharia e construção aprovados pelo BNDES para a América do Sul em 2008, nenhum fazia parte da carteira da IIRSA, apontando para uma diferenciação de critérios entre a iniciativa e o banco na escolha dos projetos. Algumas críticas tem sido fdirigidas à IIRSA, Poder um enfoque neoliberal e por ter gerado poucos resultados. Em um relatório de avaliação interna do BID, elaborado pelo Escritório de Avaliação e Supervisão, se questiona o “impacto de oito anos de esforços para promover uma maior integração de infra-estrutura nos setores de transporte, energia e telecomunicações na América do Sul (McELHINNY, 2008, p.68)”, alegando não ter ocorrido uma integração mais profunda, tendo a IIRSA priorizado a pavimentação de rodovias e o mapeamento dos corredores comerciais.

A partir de 2005, o BNDES intensifica suas ações com a criação de mais linhas de apoio a empresas brasileiras, seja por meio de créditos à exportação de bens e serviços, seja mediante a

⁶ Primeiro Seminário Internacional de Co-financiamento BNDES/CAF: Prospecção de Projetos de Integração sul-americana⁷

criação de marcos regulatórios favoráveis à exportação de investimentos estrangeiros diretos (apoio à internacionalização das empresas). “O fato de tal estratégia ter como foco as empresas brasileiras que comercializam com países sul-americanos é freqüentemente evocado pelas lideranças do BNDES como o aspecto definidor da sintonia do Banco com o programa de projeção regional definido pelo atual governo federal⁷”. Como forma de responder institucionalmente essa tarefa de política externa, o banco criou um setor de integração sul-americana, na dentro da Área de Comércio Exterior, e em 2008 criou a Área internacional, a fim de organizar a inserção do banco em três eixos: captações no mercado externo; apoio à internacionalização de empresas brasileiras; e operações das duas representações não-operacionais do BNDES no exterior, em Montevidéu e Londres.

O BNDES financia de várias maneiras a exportação de produtos brasileiros e a execução de projetos de empresas brasileiras na América do Sul. A depender do caso, o financiamento é feito direto no Brasil, com o objetivo de aumentar a capacidade de exportação, em outros, o apoio é dado às subsidiárias brasileiras situadas em outros países, podendo ainda financiar a compra de bens e serviços feitos no Brasil. São passíveis de apoio também os investimentos em construção de novas unidades; aquisição, ampliação ou modernização de unidades instaladas; participação societária em empresas já existentes e o capital de giro das empresas (VERDUM, 2008). Quanto ao financiamento de infra-estrutura, os setores prioritários são energia, transporte e telecomunicações. É importante ressaltar que o BNDES financia as exportações de bens e serviços produzidos no Brasil e não as obras no exterior diretamente. O financiamento de obras de infra-estrutura realizadas exterior são classificadas como operações de exportações de serviços de engenharia, dentro da modalidade de financiamento pós embarque, contado com um prazo de pagamento de até 12 anos. Um dos principais requisitos para que a obra esteja habilitada, é dispor de 35% do valor total do financiamento em exportação de bens brasileiros. Esse percentual de produtos brasileiros pode ser flexibilizado a depender do grau de rentabilidade do projeto e/ou de acordo com a possibilidade de maximização da exportação de bens brasileiros associado ao projeto de engenharia em questão.

O INVESTIMENTO EM INFRA-ESTRUTURA NO MERCOSUL

No que tange especificamente os países Mercosul, a estratégia de investimento e financiamento do BNDES não difere dos demais países do continente, porém a priorização no bloco pode ser aferida por dois importantes movimentos: por uma lado, foi para projetos nos países do Mercosul que foi destinado metade dos US\$ 4,8 bilhões em créditos para exportação de bens e serviços designados para a América Latina, de 1997 a 2009; por outro, foi no Uruguai que foi instalada a primeira representação do banco fora do Brasil, com a missão de facilitar e incentivar as operações do banco junto aos países latino-americanos e em particular, para os países do bloco. Segundo infôrma nota do BNDES, “Entre janeiro e julho deste ano, os desembolsos do Banco para os países do bloco comercial atingiram US\$ 378 milhões, e 97% dos recursos foram para projetos de infra-estrutura. Em relação ao mesmo período de 2008, o crescimento dos desembolsos é de 109%⁸.”

⁷ Trecho em artigo do site ‘International Centre for Trade and Sustainable Development’. O BNDES como ator da integração na região sul-americana. Disponível em: <http://icts.d.org/i/news/pontes/32901/>

⁸ Nota do BNDES: BNDES inaugura escritório em Montevidéu e reforça internacionalização, em 27 de agosto de 2009. Disponível em:

Ao mesmo tempo em que se fortalece como ator da integração regional, o BNDES se dedica a aumentar a participação do setor de serviços em suas linhas de financiamento. Associada à preocupação em equilibrar os setores beneficiários do crédito do BNDES, está a idéia de que o incremento das exportações de serviço agregaria valor nas transações comerciais brasileiras, conseqüentemente melhorando o saldo de serviços. Os serviços de construção desempenham um papel central nesse ponto já que é um setor em que o Brasil possui vantagens comparativas.

Essa argumentação está presente na fala de Carlos Lessa no ‘Informe BNDES’ nº 167, de fevereiro 2003:

“O BNDES é um dos instrumentos para ampliar o superávit comercial. O Banco teve contribuição significativa na expansão de exportações no último ano. Deverá manter-se sintonizado com o objetivo de ampliar as exportações e o adensamento de cadeias produtivas que reforcem a competitividade de nossas empresas no mercado externo”.

Compreensão semelhante tem Guido Mantega, sucessor de Carlos Lessa na presidência do BNDES, quanto à relevância das exportações de serviços. Em apresentação denominada “A importância das exportações de serviços e da internacionalização das empresas brasileiras” elaborada para o 25º ENAEX em novembro de 2005, Mantega destaca:

“O apoio à internacionalização das empresas brasileiras é importante para a expansão das exportações totais do Brasil, tanto de mercadorias quanto de serviços./A internacionalização é fundamental para o fortalecimento das empresas e aumento da competitividade dos países, em um ambiente de acirrada concorrência internacional./O apoio às exportações de serviços é fundamental para agregação de valor nas transações comerciais brasileiras e para melhorar o saldo de serviços (2005)”.

Desse modo, a atuação do BNDES no Mercosul se dá de forma articulada com o papel que lhe foi atribuído dentro da estratégia de desenvolvimento nacional; ao mesmo tempo em que investe na infra-estrutura da região, cria demanda para as exportações de serviços, as quais o governo considera essenciais, como fica demonstrado nas linhas de ação e setores prioritários definidos na Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior do governo federal. De acordo com o PITCE, as ações para o crescimento econômico deverão se concentrar na inovação e desenvolvimento tecnológico, na modernização industrial, no aumento da capacidade e escala produtiva, e na inserção externa das indústrias, tendo prioridade os setores de fármacos e medicamentos, software, semicondutores e bens de capital. Conforme aponta Carvalho Jr. (2005), no que concerne a indústria de bens de capital, estão entre as estratégias da PITCE o

aumento da escala das indústrias brasileiras e apoio ao processo de internacionalização dessas empresas, enquanto que para as empresas transnacionais do setor, a estratégia é agregar valor no Brasil, sobretudo no conteúdo de engenharia.

Embora o BNDES tenha criado sua própria lista de projetos, independente da IIRSA, para Gudynas (2008), a definição de integração que está presente nos projetos regionais das Instituições Financeiras é muito próxima à da IIRSA. O que se busca em última instância é o provimento de “condições físicas para o aumento da interdependência econômica em nível regional, em um contexto de abertura e desregulamentação, coma justificativa de aumentar a capacidade produtiva dos países na economia globalizada (p.8)”

Biazzi Couto (2008) e Iglesias (2008) chamam a atenção para o peso que as empreiteiras brasileiras, em especial Odebrecht, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez vem adquirindo no âmbito nacional. Além de se depararem com um nicho de mercado onde elas podem atuar com taxas de financiamento mais baixas e tempo de pagamento mais longo, essas empresas tem diversificado o leque de seus empreendimentos, transformando-se em holdings. Além da necessidade de manter uma balança comercial positiva, parece haver também uma forte pressão de certos setores nacionais para modernizar a economia e expandir suas atividades, seja no espaço doméstico ou internacional Na opinião de McElhinny (2008), o financiamento levado a cabo pelas empresas públicas e privadas e pelo governo, no intuito de expandir a ação das empresas para os países da região sul-americana é a principal marca do processo de transnacionalização do capital brasileiro e de seu vínculo com uma concepção de integração baseada no investimento em infra-estrutura de produção e comercialização.

Como nos lembra Gudynas, “uma particularidade do BNDES é que ele financia empresas brasileiras, e então, embora possa apoiar empreendimentos de integração entre outras nações, sempre o faz por intermédio da participação de uma empresa brasileira (2008, p.28)”. Dessa maneira, o investimento em infra-estrutura na região sul-americana passa inexoravelmente pelo fortalecimento da indústria nacional e quem mais tem se beneficiado são empresas que já se encontram consolidadas no mercado nacional e dotadas de projeção internacional.

A atuação do BNDES parece acentuar a rápida transformação do capitalismo brasileiro, mediante o fortalecimento de suas indústrias e a transnacionalização das empresas. As taxas de crescimento que o país tem apresentado, somadas ao fortalecimento do BNDES como banco do desenvolvimento nacional tem contribuído indelevelmente para a uma maior inserção do Brasil no continente. É preciso, porém, estudar se a ação dessas empresas no exterior tem contribuído para o fortalecer o Mercosul. Sendo este um bloco que atribui muita importância às trocas comerciais, o investimento em infra-estrutura é necessário para aprofundar a integração, possibilitando criar uma conexão mais forte entre as cadeias produtivas dos diferentes países, gerando interdependência e incentivos para uma maior cooperação. Várias críticas são direcionadas ao BNDES, entre elas o de não corresponder aos objetivos sociais que lhe seriam necessários como banco público. No que concerne à integração de infra-estrutura, faz-se necessário um maior acompanhamento do destino dos recursos do banco a fim de verificar como acontece o aprofundamento do bloco, além de saber se as questões trabalhistas, ambientais e de conexão de pessoas é levada em consideração no projeto de integração sul-americana do BNDES.

BIBLIOGRAFIA

ALEM, Ana Claudia; CAVALCANTI, Carlos Eduardo. O BNDES e o apoio à internacionalização das empresas brasileiras: algumas reflexões. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v.12, n.24, dez 2005. p. 43-76

BLAZZI COUTO, Alessandro. A atuação das grandes empreiteiras brasileiras na integração de infra-estrutura na América do Sul. In: VERDUM, Ricardo (org.) **Financiamento e Megaprojetos**. Uma interpretação da dinâmica regional sul-americana. Brasília: Inesc, 2008. p. 79-88

BNDES. **BNDES: 50 anos**. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. 2002. Disponível em: www.bndes.gov.br

BNDES. **Discurso do Presidente do BNDES**, Carlos Lessa, na abertura do ‘Seminário de Co-financiamento BNDES/CAF:Prospecção de Projetos de Integração sul-americana’. Ago 2003. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Paginas/s_bndes_caf.html

CARDOSO, Fernando Henrique. **Avança, Brasil**: proposta de governo/ Fernando Henrique Cardoso. – Brasília: s. Ed. 1998.

CARVALHO JUNIOR, Armando Mariante. A política industrial e o BNDES. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v.12, n.23, jun 2005. p.17-28

COSTA [a], Karen Fernandes. “BNDES: atuação, papel e ideário nos governos Fernando Henrique e Lula”. **Anais do 30º Encontro Anual da Anpocs**, 2006, 24p.

COSTA [b], Karen Fernandes. **BNDES é elaborador de política de Estado no Brasil**. Boletim de acompanhamento do BNDES, 18/12/2006. Disponível em: <http://www.plataformabndes.org.br/index.php/es/opiniao/46-principal/84-bndes-criador-politicas-estado-karen-fernandes>

COUTO, Leandro Freitas. A Iniciativa para a Integração da Infra-estrutura Regional Sul-Americana – IIRSA como instrumento da política exterior do Brasil para a América do Sul. **OIKOS – Revista de Economia Heterodoxa**. Vol. 1, n. 05. 2006

COUTO, Leandro Freitas. O horizonte regional do Brasil e a construção da América do Sul. **Revista Brasileira de Política Internacional**. n. 50(1) 2007. p.159-176

GIAMBIAGI, Fabio; RIECHE, Fernando; AMORIM, Manoel. As finanças do BNDES: Evolução recente e tendências. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v.16, n.31, jun 2009. p.3-40

GUDYNAS, Eduardo. As instituições financeiras e a integração na América do Sul In:VERDUM, Ricardo (org.) **Financiamento e Megaprojetos. Uma interpretação da dinâmica regional sul-americana**. Brasília: Inesc, 2008. p.21-48

IGLESIAS, Roberto M. Algunos elementos para caracterizar los intereses brasileños en la integración de la infraestructura en América del Sur. **Revista Integración y Comercio**. n. 28, jan-jun 2008. p. 161-190.

Informe BNDES, nº 167. Carlos Lessa assume presidência do BNDES. Fevereiro 2003.

Informe BNDES, nº 173. Parcerias para a integração sul-americana. Agosto 2003.

Informe BNDES, nº 187. Integração da América do Sul: o BNDES como agente de política externa. . Novembro 2004.

LESSA, Antonio Carlos; COUTO, Leandro Freitas; FARIAS, Rogério de Souza. Política externa planejada: os planos plurianuais e a ação internacional do Brasil, de Cardoso a Lula (1995-2008). **Revista Brasileira de Política Internacional**. n. 52(1), 2009. p. 89-109.

LIMA, Maria Regina Soares. A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul. **Revista Brasileira de Política Internacional**. n. 48(1). 2005. p. 24-59

LUCE, Mathias Seibel. **O subimperialismo brasileiro revisitado**: a política de integração regional do governo Lula (2003-2007). Porto Alegre. 2007. Dissertação de Mestrado.

MANTEGA, Guido. **A importância das exportações de serviços e da internacionalização das empresas brasileiras**. Apresentação no 25º ENAEX. Novembro de 2005. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/empresa/download/apresentacoes/mantega_importancia_das_%20exportacoes.pdf

MCELHINNY, Vince. **A IIRSA em uma encruzilhada: indicativos de mudança, implicações para a advocacy**. In: VERDUM, Ricardo (org.) Financiamento e Megaprojetos. Uma interpretação da dinâmica regional sul-americana. Brasília: Inesc, 2008. P.49-78

VERDUM, Ricardo (org.) **Financiamento e Megaprojetos**. Uma interpretação da dinâmica regional sul-americana. Brasília: Inesc, 2008.